

**JIANE RIBEIRO NEVES CWICK
LUCIANO ORTIZ**

INTÉRPRETE DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA SALA DE AULA

1ª Edição

**Guarapuava
2015**

FICHA CATALOGRÁFICA

Apresentação

O presente aponta para as atividades profissionais do Tradutor Intérprete de Libras - Tils no contexto educacional dentro de sala de aula e fora dele, bem

como os aspectos de atuação deste profissional de modo pedagógico ou técnico. Igualmente, considerar o Tils como intermediador da comunicação ou como intermediador do conhecimento.

Este trabalho convida o leitor a conhecer e reconhecer o papel deste profissional e sua ética frente a discussões relevantes, estratégias e técnicas de interpretação, além de apresentar a importância do conhecimento prévio sobre assuntos a serem interpretados e o conhecimento sobre os aspectos culturais do povo ouvinte e do povo surdas de acordo com suas respectivas expressões idiomáticas, gírias, metáforas, ditados populares e provérbios.

Esperamos diante de o exposto contribuir com a pesquisa e o aprendizado daqueles que buscam ou são apaixonados assim como nós pela área da surdez e da Libras.

Bons estudos

Jiane Ribeiro Neves Cwick

Luciano Ortiz

INTÉRPRETE DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA SALA DE AULA

Ao longo da história percebem-se as dificuldades que houveram por parte do povo surdo e comunidade surda para o reconhecimento da língua de sinais em todo o mundo.

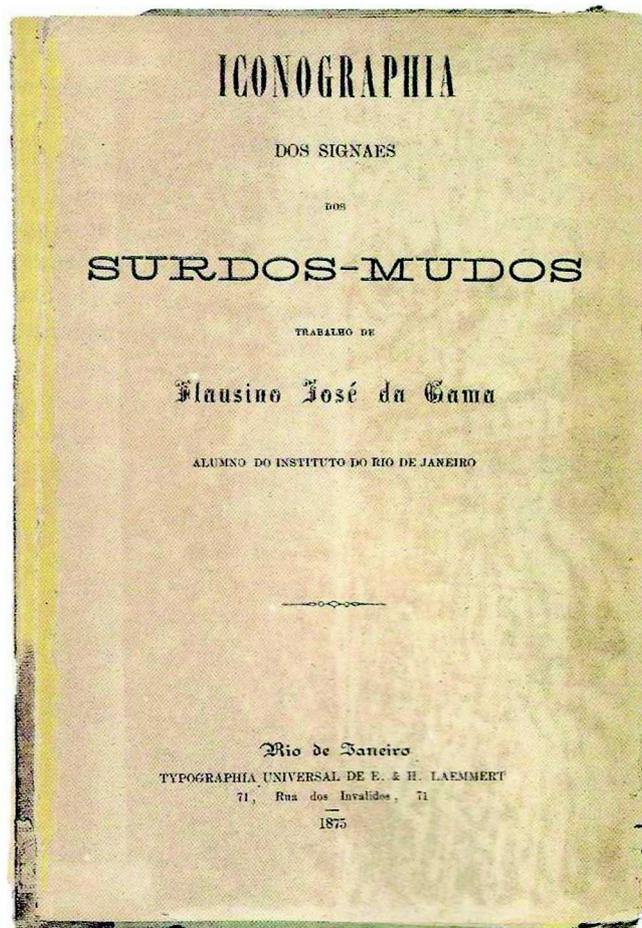
No Brasil as primeiras traduções iniciaram logo no descobrimento no ano de 1500. Porém, não eram traduções oficiais e sim as tentativas de comunicação entre portugueses e índios como está relatado na carta de Pero Vaz de Caminha. Usavam de gestos, acenos e apontamentos para se comunicarem. Pero Vaz era escrivão da frota de Cabral, no entanto, foi Afonso Ribeiro, mancebo degredado, criado de D. João Telo que ficou responsável de aprender a língua dos indígenas. Neste caso eram diálogos entre ouvintes que precisavam se comunicar, no entanto, foram os gestos e o contexto visual que contribuiu para os primeiros entendimentos entre os portugueses e índios na época.

Em 1835 ainda nos tempos de Império no Brasil durante o período regencial iniciam discussões pertinentes a educação de surdos através do conselheiro Cornélio Ferreira França, deputado da Assembleia Geral Legislativa, apresentando na época a seguinte proposta:

[...] que cada província tivesse um professor de primeiras letras para surdos e cegos. Todavia, a recém-formada Nação Brasileira, independente de Portugal há apenas 13 anos, enfrentava um momento político conturbado e a proposta do conselheiro França sequer foi discutida na Câmara dos Deputados. O tema só foi retomado na década de 1850. (LANNA JÚNIOR, 2010, sp).

Com a retomada das discussões sobre esse tema, é fundada em 1855 o do “Collégio Nacional para Surdos-Mudos”, de ambos os sexos, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos, fundado na época pelo professor francês Eduard Huet.

O primeiro dicionário de Libras no Brasil foi a “Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos” em 1875 de autoria de Flausino José da Gama, ex aluno do INES.



Fonte: GAMA, 1875.

As conquistas foram acontecendo até que o Congresso de Milão em 1880 “calou” as mãos dos surdos privando seu direito de expressar sua própria identidade. Neste congresso com participação de maioria ouvintes decidiu-se que a língua oral seria mais adequada para a educação de surdos, proibindo assim o uso da língua de sinais. Neste contexto, intérpretes da língua de sinais seriam desnecessários.

Para os surdos foi um caos vivido por quase um século, pois sabe-se que a maioria dos surdos não conseguem aprender a falar ou fazer leitura labial na sua totalidade, considerando ainda à dificuldade dos surdos que cada ouvinte tem uma maneira de articular a boca durante a fala dificultando o entendimento do que é dito.

A proibição da língua de sinais por mais de 100 anos sempre esteve viva nas mentes dos povos surdos até hoje, no entanto, agora o desafio para o povo surdo é construir uma nova história cultural, com o reconhecimento e o respeito das diferenças, valorização de sua

língua, a emancipação dos sujeitos surdos de todas as formas de opressão ouvintistas e seu livre desenvolvimento espontâneo de identidade cultural! (PERLIN E STROBEL, 2009, p.2).

Mesmo com tanta opressão os surdos não deixaram morrer sua própria identidade e neste contexto, as igrejas sempre estiveram presentes na história dos surdos. No Brasil não foi diferente, celebrando os intérpretes de língua de sinais em meados da década de 80, época em que os surdos já se organizavam oficialmente para lutar pelos seus direitos, com a criação de uma comissão de luta pelos direitos dos surdos em 1983.

Em 1988, realizou-se o I Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais organizado pela FENEIS que propiciou, pela primeira vez, o intercâmbio entre alguns intérpretes do Brasil e a avaliação sobre a ética do profissional intérprete. (SEESP, 2004, p. 14).

Em 1999 realizou-se o Pré-Congresso ao V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue Para Surdos que elaborou um documento intitulado, “Que Educação Nós Surdos Queremos”, e este contou com a presença de 1.200 surdos brasileiros e surdos estrangeiros que fizeram uma caminhada até o Palácio do Governo.

O Ministério da Educação lançava em 2001 uma campanha nacional para formação de professores de surdos. Em Brasília promove o primeiro Curso de Capacitação para Agente de Multiplicadores de LIBRAS em Contexto, com 76 surdos participantes de diversos estados brasileiros e no Rio de Janeiro – RJ, o primeiro curso de Professor-Intérprete de LIBRAS para profissionais dos estados.

Ao longo dos anos houveram conflitos na educação dos surdos, mas foi com a lei 10.436 de 24 de abril de 2002 em que a educação especial nesta área ganhou espaço com os direitos de igualdade, acontecendo os estudos e pesquisas em que a lei dá ao aluno surdo o direito de aprender a LIBRAS como sua primeira língua. (STOCK; ORTIZ, 2015, p. 16).

O Decreto 5.626, de 22 de Dezembro de 2005, regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

Diante de uma história de lutas e mobilizações a comunidade surda tem enfrentado grandes desafios e também muitas conquistas. Neste novo milênio

não foi diferente. Para tanto, este mesmo decreto exige que todas as instituições de educação no Brasil (básica e superior) devam ter instrutores e profissionais de Libras (Língua Brasileira de Sinais) em seu quadro de magistério. Essa medida impulsionou e exigiu a criação do curso de Letras – Libras em várias instituições de ensino superior brasileiras. E ainda no capítulo III que trata da formação do professor de libras e do instrutor de libras aponta a formação de docentes para o ensino de libras nas séries iniciais e ensino fundamental, médio e superior no art 4º. A formação segunda a lei compreende em formar professores de Libras com licenciatura, ou seja, professores para o ensino de Libras e como bacharel serão formados os tradutores e intérpretes de Libras e Português.

A incumbência do Curso de Letras Libras ficou nas “mãos” da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC que iniciou três cursos em 2006 na modalidade de Educação à distância – EAD com nove polos, um deles na própria UFSC e os outros na Universidade de São Paulo - USP, Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Universidade Federal da Bahia - UFBA, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, no INES, Universidade Federal de Goiás - UFG, Universidade Federal do Ceará - UFC e na Universidade de Brasília – UnB, posteriormente sendo espalhadas em mais polos atingindo todos os estados brasileiros.

Neste contexto, sucede a necessidade do reconhecimento da profissão do intérprete que foi respeitada e contemplada em 01 de setembro 2010 pela lei nº 12.319 regulamentando assim o exercício da profissão.

TEORIA E PRÁTICA DA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Falar uma língua qualquer ou aprender uma segunda língua confere conhecimentos básicos e necessários para a comunicação entre sujeitos usuários destas determinadas línguas. Entretanto, profissionalizar-se enquanto intérprete de uma língua está além do conhecimento básico ou de falar e expressar bem. O conhecimento da língua com um todo, seja em seus aspectos teóricos, práticos, culturais e éticos, a vivência da língua é que constroem o verdadeiro profissional tradutor e intérprete. No caso da língua de sinais é substancial que se apreenda não apenas a teoria e a prática, mas que se compreenda e reconheça o mundo visual que os surdos estão inseridos. Neste sentido a compreensão da língua será muito mais clara e concreta. Não se pode imaginar a Libras apenas como uma língua gestual, pois desta forma ignora toda a história e cultura do povo surdo. Por isso é importante que se compreenda que:

Línguas de sinais - São línguas que são utilizadas pelas comunidades surdas. As línguas de sinais apresentam as propriedades específicas das línguas naturais, sendo, portanto, reconhecidas enquanto línguas pela Lingüística. As línguas de sinais são visuais-espaciais captando as experiências visuais das pessoas surdas. (SEESP, 2004, p. 8).

Entender o mundo visual do povo surdo é submergir em um universo não muito distante, são formas e estratégias de conhece-lo e de se aproximar culturalmente deste povo, tendo em vista que o mundo das crianças ouvintes é muito mais visual, o que se perde ao longo do tempo com a transmutação da percepção visual para a auditiva. Na formação profissional do tradutor intérprete da Língua de sinais é importantíssimo este resgate. Todavia, para uma criança ouvinte aprender a Língua de sinais é mais fácil que para um adulto.

Conquanto, são formas e estratégias de conhecer este mundo e de se aproximar culturalmente deste povo.

Os aspectos culturais reconhecidos tanto na língua fonte quanto na língua alvo é de fundamental importância o conhecimento e o respeito a ambas as culturas para que uma interpretação ou tradução ocorram de forma ética e fidedigna. Conflitos culturais podem causar conflitos na interpretação. Contudo:

É necessário que se considere a esfera cultural e social na qual o discurso está sendo enunciado, sendo, portanto, fundamental, mais

do que conhecer a gramática da língua, conhecer o funcionamento da mesma, dos diferentes usos da linguagem nas diferentes esferas de atividade humana. Interpretar envolve conhecimento de mundo, que mobilizado pela cadeia enunciativa, contribui para a compreensão do que foi dito e em como dizer na língua alvo; saber perceber os sentidos (múltiplos) expressos nos discursos. (LACERDA, 2009, p. 21).

Neste contexto é importante salientar que além de considerar à cultura e a esfera social do sujeito surdo, deve-se respeitar também as identidades surdas, ou seja, a identidade de cada surdo no ambiente que esteja, seja, profissional, formal ou informal.

Na concepção estrutural da linguagem, a tradução é vista como um fenômeno transcendente: o tradutor é aquele que vai, com muita habilidade e experiência, transportar, sem, todavia, contaminar, um texto de uma língua para a outra. (ROSA s.a. p. 104).

Não há como simplificar isto, não há como ignorar todas as experiências, a história e os aspectos culturais envolvidos ao sujeito Tils no ato da tradução ou interpretação. Outro fator interessante é quando está envolvida a tradução ou interpretação de expressões idiomáticas ou ditados populares, pois há muitos dos casos que as interpretações diferem frente há uma cultura e outra, ou seja, no Brasil por ser um país de uma diversidade cultural muito considerável, apresenta essas diferenças.

As concordâncias e discordâncias do Tils em relação ao tema palestrado ou discursado devem ser desassociadas pelo mesmo diante de que este deve ser fidedigno. Para isso, o Tils deve conhecer as linhas filosóficas e ideológicas do palestrante ou autor do discurso. Dessa forma será ético e não “ferirá” seu ato profissional e nem mesmo sua profissão.

A profissão de Tils não é simples e nem fácil, pois não basta ser um grande conhecedor das duas ou mais línguas em questão, se este for “desinformado”, ou seja, não ler jornais livros, ou até mesmo ignorar a importância de se ter o conhecimento prévio do assunto que será tratado e que ele deverá traduzir ou interpretar.

Diante disso, duas modalidades fundamentais para a atuação profissional do Tils.

Modalidades das línguas:

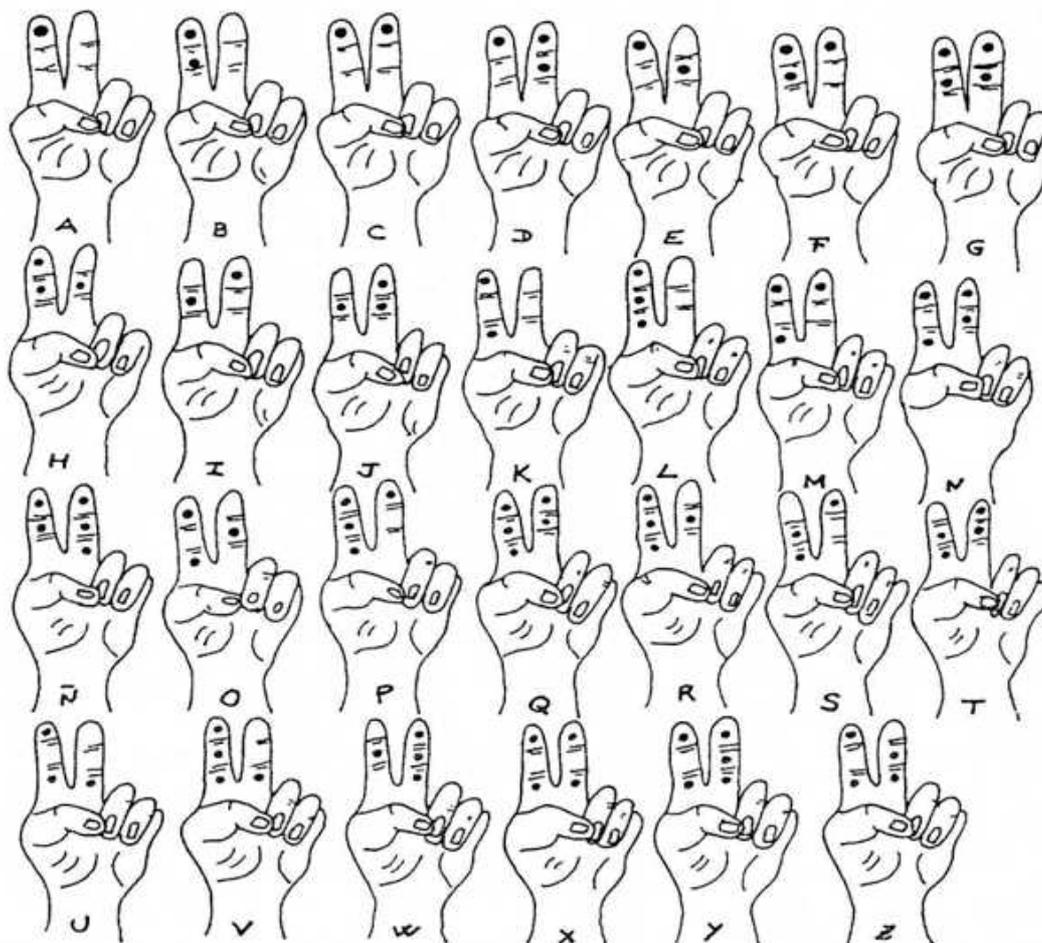
Oral-auditiva, visual-espacial, gráfica-visual - As línguas apresentam diferentes modalidades. Uma língua falada é oral-auditiva, ou seja, utiliza a audição e a articulação através do aparelho vocal para compreender e produzir os sons que formam as palavras dessas línguas. Uma língua sinalizada é visual-espacial, ou seja, utiliza a visão e o espaço para compreender e produzir os sinais que formam as palavras nessas línguas. Tanto uma língua falada, como uma língua sinalizada, podem ter representações numa modalidade gráfica-visual, ou seja, podem ter uma representação escrita. SEESP, 2004. p. 9

Modalidades de tradução-interpretação:

Língua brasileira de sinais para português oral, sinais para escrita, português para a língua de sinais oral, escrita para sinais - Uma tradução sempre envolve uma língua escrita. Assim, poder-se-á ter uma tradução de uma língua de sinais para a língua escrita de uma língua falada, da língua escrita de sinais para a língua falada, da escrita da língua falada para a língua de sinais, da língua de sinais para a escrita da língua falada, da escrita da língua de sinais para a escrita da língua falada e da escrita da língua falada para a escrita da língua de sinais. A interpretação sempre envolve as línguas faladas/sinalizadas, ou seja, nas modalidades orais-auditivas e visuais-espaciais. Assim, poder-se-á ter a interpretação da língua de sinais para a língua falada e vice-versa, da língua falada para a língua de sinais. Vale destacar que o termo tradutor é usado de forma mais generalizada e inclui o termo interpretação. SEESP, 2004. p. 9

Guia-intérprete: profissional responsável pela intermediação do conhecimento ou da comunicação através da Libras tátil.

Transliteração: também usada pelo guia-intérprete, mas não considerada interpretação pois essa mediação ocorre quando é usado o sistema Braille nas falanges do dedo médio e indicador, sistema malossi.



Fonte: Dorado, Myriam García, .s.a, s.p..

<http://www.once.es/otros/sordoceguera/HTML/capitulo04.htm>, acessado em 15/01/2016.

Tadoma: forma de decodificar a fala do interlocutor. Neste caso geralmente coloca-se o polegar de um lado e o indicador do outro lado próximo ao lábio inferior do interlocutor e os outros dedos principalmente o anelar e o dedo mínimo nas cordas vocais para sentir a vibração das mesmas juntamente com o movimento dos lábios.

Intérprete surdo: profissional que atua como geralmente como guia-intérprete entre surdos-cegos e ouvintes e vice e versa ou até mesmo entre surdos cegos e surdos e assim vice e versa.

Tradução e Interpretação

Interpretação e tradução simultânea: esse tipo de interpretação é atribuído pelo interprete partindo de uma língua fonte para uma língua alvo, ou seja, à medida que se recebe as informações a serem interpretadas e/ou traduzidas, se faz a interpretação ao mesmo tempo, permitindo um tempo necessário para a recepção das informações. Esse tipo de interpretação ou tradução ocorrem em palestras ou em momentos que não se pode interromper o precursor.

Interpretação e tradução consecutiva: em contrapartida, neste caso, o tradutor intérprete recebe as informações analisando-as e interpretando e/ou traduzindo não ao mesmo tempo, considerando um tempo maior para a interpretação e tradução.

A INTERMEDIÇÃO DO CONHECIMENTO E A INTERMEDIÇÃO DA COMUNICAÇÃO ATRAVÉS DO INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS.

O intérprete de língua de sinais na sala de aula

Dois aspectos correspondem à interpretação e tradução da língua de sinais: a intermediação do conhecimento e a mediação da comunicação. Primeiramente é fundamental deixar claro que a intermediação do conhecimento no sentido da tradução e/ou interpretação do Tils não é em nenhum momento assumir a função de professor, mas intermediar os discursos, explicações e repasses do conhecimento feito pelo docente aos seus alunos ouvintes e surdos em sala de aula e entre surdos e ouvintes e surdos e docentes ouvintes.

O intérprete especialista para atuar na área da educação deverá ter um perfil para intermediar as relações entre os professores e os alunos, bem como, entre os colegas surdos e os colegas ouvintes. No entanto, as competências e responsabilidades destes profissionais não são tão fáceis de serem determinadas. SEESP, 2004, p.60

A intermediação do conhecimento corresponde aos aspectos que envolvem o contexto acadêmico do sujeito surdo presente em uma sala de aula, curso específico, oficinas, entre outros.

A intermediação da comunicação apresenta-se de forma ao repasse da informação que corresponde a uma conversa formal ou informal que não apresenta fatores que conformam um processo de aprendizagem ou de ensino aprendizagem. Neste ambiente de interpretação/tradução o intérprete permanece com a responsabilidade de fidelidade entre os discursos apresentados, no entanto, não há intuito acadêmico presente.

Com a língua de sinais os surdos podem, através do intérprete, compreender e ser compreendidos, e os ouvintes, são colocados no mesmo nível, precisam também do intérprete ou de aprender uma língua que não é a sua língua natural (STUMPF, 2005, p. 26).

O intérprete de língua de sinais na sala de aula faz parte de um processo que envolve questões pedagógicas, bem como, intermediar o conhecimento durante o processo de ensino aprendizagem no ambiente

escolar. No estado do Paraná, a instrução n.º 008/08- SUED/SEED, que estabelece normas para atuação do profissional tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais - Libras/Língua Portuguesa - TILS nos Estabelecimentos de Ensino da rede pública estadual apontam no art. 4.8 que o Tils deve sugerir aos docentes a adoção das estratégias metodológicas visuais mais adequadas ao favorecimento da aprendizagem dos alunos surdos.

Neste contexto, há clareza da necessidade de conhecimento pedagógico para atuação deste Tils em sala de aula. Contudo, às atribuições deste profissional são muitos mais de que a intermediação da comunicação e sim a intermediação do conhecimento.

O intérprete especialista para atuar na área da educação deverá ter um perfil para intermediar as relações entre os professores e os alunos, bem como, entre os colegas surdos e os colegas ouvintes. (QUADROS, 2004, p. 60).

Intermediação da comunicação atribui-se a intermediar as conversas formais e informais entre surdos e ouvintes e vice-versa sem a inferência pedagógica. Comparando a sala de aula, os surdos necessitam de atenção pedagógica ou até mesmo a tradução de alguma palavra ou até mesmo um sinal desconhecido por ele. Esse tipo de situação geralmente não ocorre em palestras, onde muitas das vezes não se pode interromper o palestrante para dar a definição de uma determinada palavra ou interromper para tirar dúvidas como ocorre em sala de aula.

Intérprete de Língua de Sinais na sala de aula na educação de surdos.

O Tils no contexto educacional aparece sempre nos discursos da inclusão de surdos, entretanto, é importante salientar que o intérprete também é um profissional bilíngue presente na educação de surdos não apenas como o mediador da comunicação ou conhecimento.

O intérprete, na educação dos surdos nas escolas regulares, é resultado de uma política de inclusão que tem como discurso que nenhum aluno deverá estar fora da escola. (ROSA s.a. p. 190).

A mesma autora afirma que:

Sugiro que, como parte dessa política de inclusão para alunos surdos, o discurso venha a ser: nenhum intérprete de língua de sinais sem formação dentro da escola. (ROSA s.a. p. 190).

É primordial que o Tils tenha a proficiência para atuar profissionalmente, mas isso não basta, é fundamental que este profissional mantenha seus estudos e estejam sempre atualizados em relação aos sinais, vocabulários, legislação, etc. Neste contexto, as ações de tradução e interpretação não deixarão dúvidas do trabalho em qualquer ambiente ou ocasião.

Os surdos sentem-se assegurados pelos intérpretes, pois esses, pelo poder de comunicação da língua de sinais, corporificam a possibilidade de resgate da participação. O intérprete ou o tradutor, de qualquer língua, tem grande poder em suas mãos. Ele é responsável pela qualidade da comunicação. Os surdos precisam que esses profissionais sejam bem qualificados (STUMPF, 2005, p. 26).

O Tils realmente preparado para tal função traz segurança não apenas para o sujeito surto em questão, mas para o próprio profissional durante sua atuação.

Contudo:

Quanto mais se reflete sobre a presença dos intérpretes de Língua de Sinais, mais se compreende a complexidade de seu papel, as dimensões e a profundidade de sua atuação. Mais se percebe que os intérpretes de Língua de Sinais são também intérpretes da cultura, da língua, da história, dos movimentos, das políticas da identidade e da subjetividade surda, e apresentam suas particularidades, sua identidade, sua orbitalidade. (PERLIN, 2006, p.137)

A importância de reconhecer as atribuições de cada profissional no contexto escolar para contemplar o processo de aprendizagem dos alunos surdos é fundamental. Para tanto, é substancial que cada profissional saiba de suas responsabilidades no âmbito educacional. Na sala de aula cabe ao professor elaborar e planejar suas aulas de acordo com o público alvo de alunos inseridos naquela determinada turma de uma determinada série. A inclusão não deve ser apenas a aceitação da diversidade, mas a verdadeira pedagogia que possa promover uma aprendizagem igualitária nesta diversidade. No caso do intérprete de Libras, este necessita conhecer claramente sua função enquanto profissional seja técnico ou pedagógico. Para que isso aconteça, Lacerda 2015 afirma que:

É fundamental que o IE esteja inserido na equipe educacional, ficando claro qual é o papel de cada profissional frente à integração e aprendizagem da criança surda, e esses papéis precisam ser sempre discutidos porque a sala de aula é sempre dinâmica, envolve solicitações dos alunos e é importante que as responsabilidades de cada um estejam claras. (LACERDA, 2015, p.35).

Contudo, uma inclusão adequada em sala de aula só ocorre com uma metodologia adequada elaborada pelo docente, com a responsabilidade do intérprete diante da sua função em relação a aula que será interpretada e o respeito dos demais profissionais, cada qual na sua função atribuindo o que é de suas responsabilidades.

TÉCNICAS DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO NO ESPAÇO EDUCACIONAL

Considerando que é fundamental que o Tils obtenha o conhecimento prévio sobre os assuntos a serem tratados em sala de aula, salienta-se que mesmo que isso aconteça mudanças ocorrem durante este processo, tendo em vista, a metodologia, preparo ou falta de preparo para a determinada aula em questão.

À medida que novas posturas relativas à tradução se fortalecem, é fundamental nos debruçarmos sobre os pressupostos que as sustentam. (ROSA, s.a. p. 15).

Entretanto, o intérprete deve estar sempre estudando para manter-se atualizado com recursos de vocabulários (sinais), classificadores entre outras estratégias que contribuem para uma tradução ou interpretação adequada.

A primeira tarefa da fonologia para a língua de sinais é determinar quais são as unidades mínimas que formam os sinais. A segunda tarefa é estabelecer quais são os padrões possíveis de combinação entre essas unidades e as variações possíveis no ambiente fonológico. (Quadros e Karnopp, 2004, p. 47)

Nas línguas orais a morfologia estuda a formação das palavras. Na libras a morfologia estuda a formação dos sinais, bem como sua estrutura. (STOCK & ORTIZ 2015 P. 22).

Os sinais são formados a partir da combinação do movimento das mãos com determinado formato em determinado lugar, podendo esse lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Essas articulações das mãos, que podem ser comparadas aos fonemas e às vezes aos morfemas, são chamadas de parâmetros. (PEREIRA FILHO, 2011 p. 11).

Neste contexto os cinco parâmetros da Libras:

Configuração de mão:	É formato que se dá à mão para demonstrar um determinado sinal.
Ponto de articulação:	Local específico ou inicial para apresentação do sinal em algum ponto do corpo ou espaço.
Movimento:	Parâmetro que apresenta o sinal e seu respectivo sinal com movimento.

Orientação ou direção: Parâmetro que apresenta o sinal através de um movimento direcionado de um ponto a outro em uma direção específica.

Expressão corporal e facial: Parâmetro que contribui ao significado do sinal como uma entonação na língua de sinais, determinando muitas vezes a intensidade.

Fonte: STOCK; ORTIZ, 2015, p.22.

Tratando do uso dos parâmetros da Libras na prática, considera-se de fundamental importância o uso aplicável para a clareza da informação, .

Os articuladores primários das línguas de sinais são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam sinais em determinadas locações nesse espaço. (Quadros e Karnopp, 2004, p. 51).

Compreender a gramática de uma língua é apreender suas regras de formação de combinação dos elementos. (Rosa s.a p. 48).

Um sinal pode ser articulado com uma ou duas mãos. Um mesmo sinal pode ser articulado tanto com a mão direita quanto com a esquerda; tal mudança, portanto, não é distintiva. (Quadros e KARNOPP, 2004, p. 51).

Toda e qualquer língua reconhecida, tem sua estrutura gramatical, morfologia, regras, etc. uma configuração de mão correta seguida dos outros parâmetros em suas combinações necessárias, são substanciais para o entendimento claro do vocabulário ou discurso apresentado.

Sinais articulados com uma mão são produzidos pela mão dominante (tipicamente direita para destros e a esquerda para canhotos), sendo que sinais articulados com as duas mãos também ocorrem e apresentam restrições em relação ao tipo de interação entre as mãos. (Quadros e Karnopp, 2004, p. 51)

Entretanto, somente sinais isolados não completam muitas vezes a informação, ou seja, é necessária com complementação para a construção da frase com o uso dos classificadores.

Tipos de Classificadores:

Classificadores descritivos:	Descreve objetos, usando as duas ou apenas uma mão, bem como a forma, aparência, tamanho e textura.
Classificadores especificadores:	Especifica propriamente o tamanho e a forma do objeto, pessoa ou animais.
Classificadores de plural:	Usado para demonstrar quantidade usando da repetição através da configuração de mão atribuída.
Classificadores instrumentais:	Demonstra a ação de um determinado objeto de maneira a incorporar o mesmo.
Classificadores de corpo:	Maneira de demonstrar todo ou apenas parte do corpo.

Fonte: STOCK; ORTIZ, 2015, p.20.

**EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS, PROVÉRBIOS, DITADOS POPULARES,
METÁFORAS E GÍRIAS**

As expressões idiomáticas, provérbios, ditados populares, metáforas gírias estão presentes em toda ou qualquer cultura. No Brasil não é diferente e quantidade é imensa, o que traz para o intérprete grande responsabilidade no ato do seu trabalho. Para isso, é fundamental que este profissional busque estudar e compreender os significados de cada expressão, ditados e metáforas? Não é bem assim. Segundo Palmer 2000 a cultura, e a língua, envolve-se em todo conhecimento tradicional e na construção social de forma acumuladora constituída por imagens facciosamente compartilhadas.

Contudo o Brasil é muito intenso com 26 estados e 01 unidade da federação, cada qual com suas expressões, com seus ditados populares e com suas poesias, sem contar que cada estado também possui suas divisões regionais. Neste sentido, voltamos à importância do conhecimento prévio daquilo que irá ser tratado onde o profissional irá interpretar. Outrossim, evitar de certa forma “misturar” uma cultura sobre a outra.

Segundo Lacerda, (2015) existe um dilema neste contexto da interpretação e tradução, o que faz do Tils enfrentar grandes desafios. A autora considera que:

De um lado evitar impor o modo de ser de uma cultura, repetindo palavras e metáforas que a ela pertencem, e de outro impor ao texto a ser traduzido o modo de ser de sua própria cultura, obscurecendo estilos e ênfases que dão vida e especificidade ao texto. (LACERDA 2015 P. 07).

Os aspectos culturais são carregados de tradições, costumes, dogmas entre outros que possam causar conflito durante a atuação do Tils, para Sobral (2006 *apud* Lacerda 2015) saber equilibrar isto é um ato ético e responsável para uma construção fidedigna ao texto.

- **Expressões idiomáticas:** Conceituam-se como expressões idiomáticas aquelas que, perante os estudos linguísticos, são destituídas de tradução. (DUARTE s.a. s.p.).

- **Ditados populares:** São ditos populares, ou seja, frases populares ditas e usadas pelo povo que produzem efeitos moral e fazem parte da cultura.

- **Provérbio:** dito popular que resume um conceito a respeito da realidade ou uma regra social. (HOUAISS, 2011).

- **Metáforas:** Recurso de linguagem em que a significação natural duma palavra é substituída por outra com que tem relação de semelhança. (FERREIRA 2011).

- **Gírias:** Linguagem informal, expressiva, oriunda de determinado grupo social e, geralmente, restrita a ele. (FERREIRA, 2011).

Alguns exemplos de expressões idiomáticas, ditados populares e gírias:

Expressões idiomáticas, ditados populares e gírias	Significados
Lágrimas de crocodilo	Choro falso, falsidade ao chorar
Abotoou o paletó	Morrer
De mãos abanando	Sem nada
Entrou com o pé direito	Sorte
Fazer nas coxas / feito nas coxas	Fazer de qualquer jeito
Pendurar as chuteiras	Aposentar
Encalhad@	solteir@
Chorou o leite derramado	Arreponder-se
Fazer uma vaquinha	Dividir dinheiro para comprar algo
Olho gordo	Inveja
Jurar de pés juntos	Prometer
Deu zica ou zika	Deu azar
Bateu as botas	Morreu
Lá onde Judas perdeu as botas	Longe
Acertar na mosca	Conseguir
Rasgaram os trapos	Separaram-se, divorciaram
fin@ igual assovio de papudo	magr@
papud@	mentiros@

Alguns exemplos em libras.



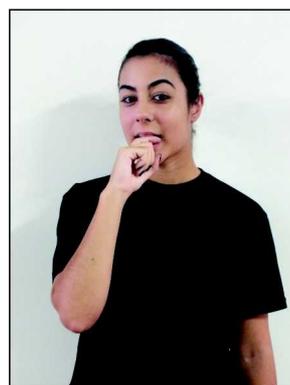
“Lágrimas de crocodilo”



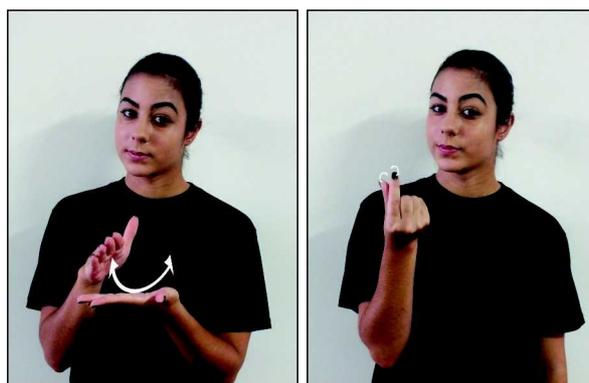
Deu zica ou zika



Abotoou o paletó



Olho gordo



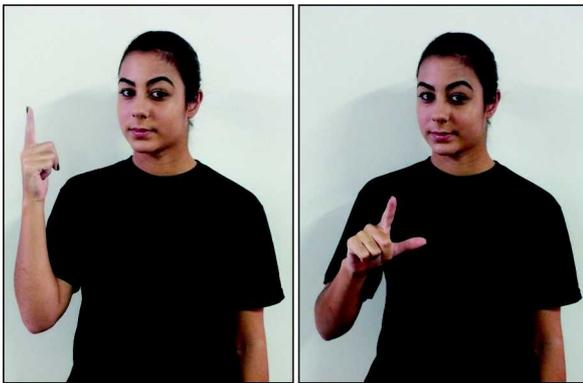
“Fazer uma vaquinha”



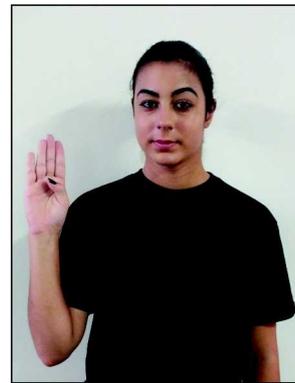
Entrou com o pé direito



Lá onde Judas perdeu as botas



Acertar na mosca



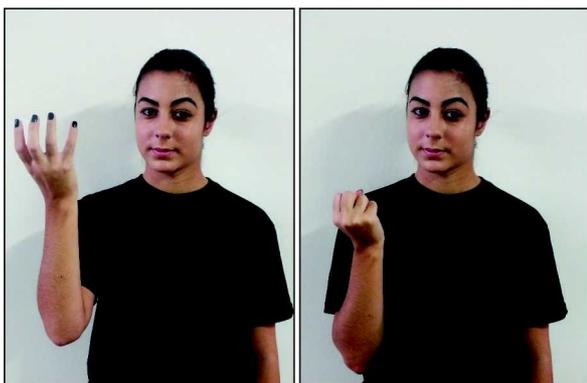
Jurar de pés juntos



Fin@ igual assovio de papud@



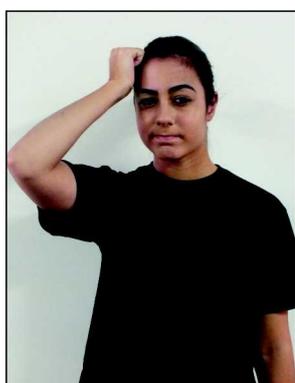
papud@



Pendurar as chuteiras



Encalhad@



Chorar pelo leite derramado



rasgaram os trapos



Exemplos de provérbios:

Provérbios

“A palavra é prata, o silêncio é ouro”. Muito melhor é o silêncio. O silêncio vale mais que a palavra.
(Provérbio chinês)

“Boca fechada não entra mosca”.

“Nunca perca o controle, respire”. Respire para não perder o controle.

Ensino judeu

“Melhor curvar-se do que se quebrar”. Melhor ser sempre humilde.

Provérbio escocês.

"Cada cabeça uma sentença".

Cada um “paga” o preço de suas próprias decisões

“Filho de peixe, peixinho é”.

Igual ao pai

“Gosto é igual relógio: uns têm, outros não”. Cada pessoa tem seu próprio gosto não”.

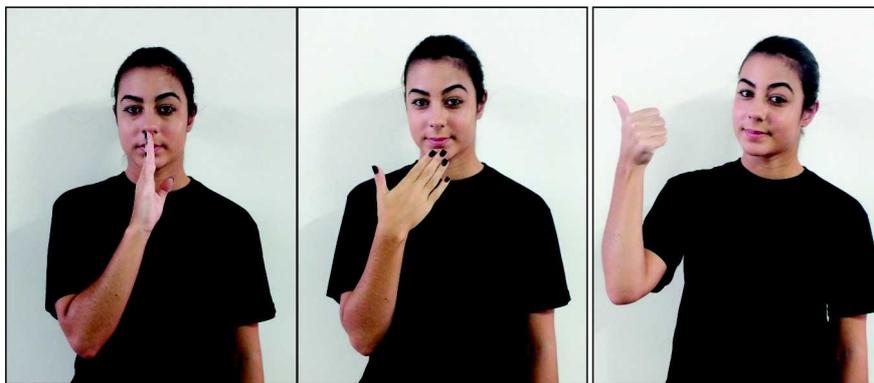
“Jamais confie em puxa-sacos”.

Em puxa sacos não se pode confiar

“Quem avisa amigo é”.

Amigo de verdade sempre avisa

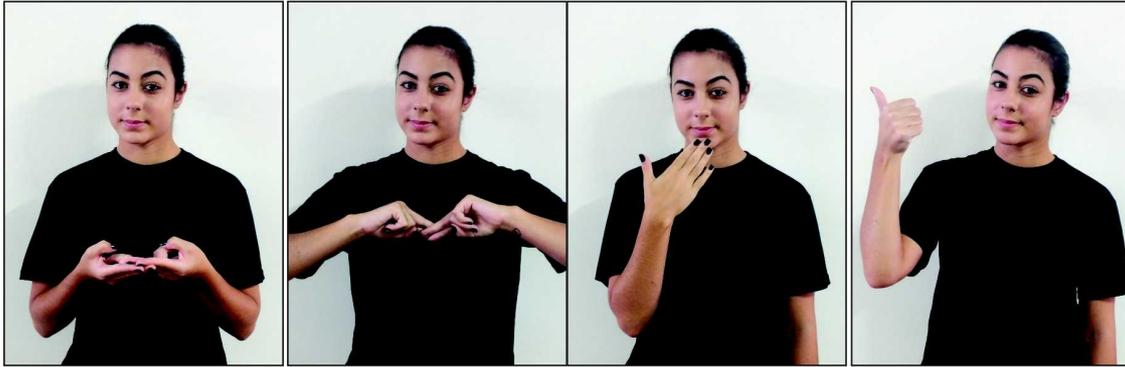
Alguns exemplos de provérbios em libras:



“A palavra é prata, o silêncio é ouro” – (necessário usar a expressão facial correta para dar sentido ao significado do provérbio).



Nunca perca o controle, respire.” (Ensino judeu)



“Melhor curvar-se do que se quebrar”.

Alguns exemplos de metáforas:

Metáforas populares

Significado

"mais por fora do que bunda de índio"

Não tá entendendo nada ou não está sabendo de nada, ou está por fora do assunto.

"mais perdido que cachorro que caiu da mudança"

"mais perdido que cego em tiroteio"

“Atravessa o rio com um sorrisal na Econômico mão e não derrete”.

"cheiroso como mala de barbeiro"

Perfumado

"mais grosso que parede de igreja"

Pessoa grosseir@

"mais feio que uma briga de foice"

Feio

"fraco como caldo de batata"

Pessoa frac@

“João sem braço”

Fingindo não estar envolvida com o acontecimento ou com o assunto.

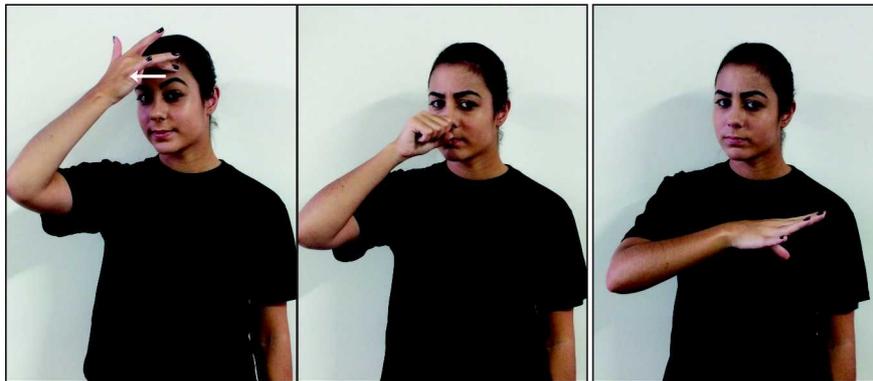
Alguns exemplos traduzidos em Libras:



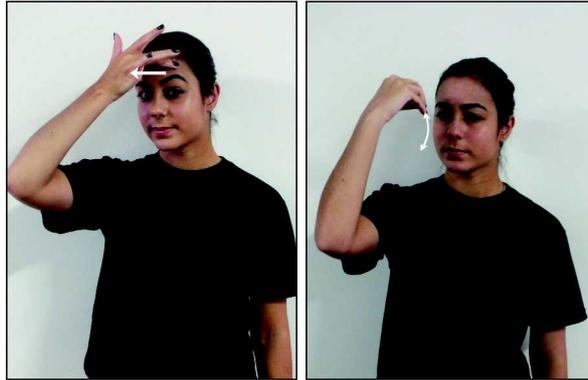
"mais feio que uma briga de foice"



"Atravessa o rio com um sorrisal na mão e não derrete".



"mais grosso que parede de igreja"



"fraco como caldo de batata"



"João sem braço"

Alguns exemplos de gírias:

Gírias	Significado
Mala ou mala sem alça	Pessoa chat@
Baia	Casa
Massa	Legal
Bacana	
Show de bola	
Baranga	Feia
Responça	Responsabilidade
Mina	Menina
Muito paia	Feio, não é legal.
Rolê	Passear

Rolezinho

Amigos vão passear juntos em lugares públicos

Gambé

Polícia

Deprê

Depressão, deprimid@

Exemplos de gírias da língua portuguesa traduzidas em Libras:



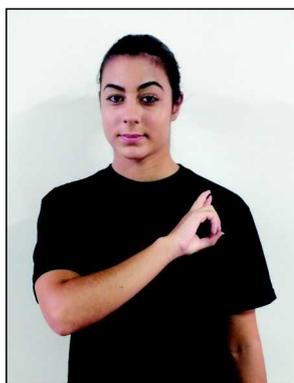
Mala sem alça



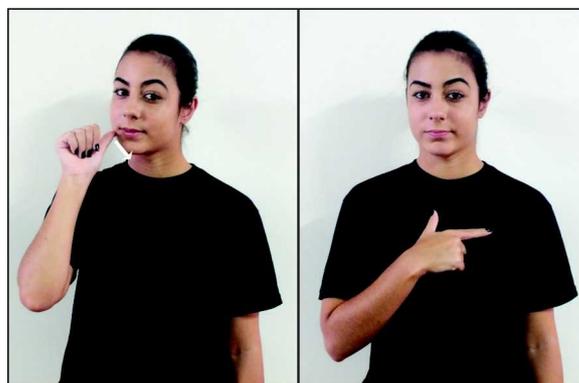
Gambé



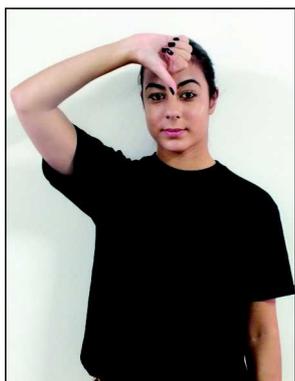
Baia



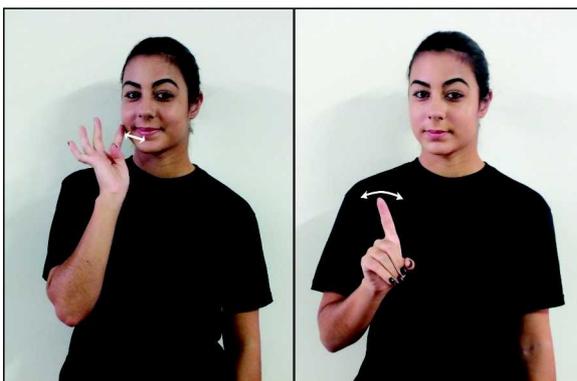
Resposta



Baranga



Deprê



Muito paia



Mina

São inúmeras as expressões idiomáticas, provérbios, ditados populares, metáforas gírias, no entanto há uma grande importância por parte do profissional de não ignorar essa realidade, pois se isto acontecer ou o interprete de libras traduzir de forma literal ou até mesmo usando do português sinalizado (bimodal), é impossível para o surdo a compreensão clara do assunto tratado. Em todo o caso, não apenas os ouvintes dentro de seus aspectos culturais constroem suas variações linguísticas e as mais diversas expressões, gírias, etc., o povo surdo também protagoniza isso.

O surdo em seu contexto cultural também possui suas variações linguísticas, ou seja, variações que ocorrem de forma regional por meio da evolução da própria língua, bem como, a necessidade de novos vocabulários. Duarte afirma que:

Pode considerar-se que fazem parte daquilo que chamamos de variações da língua, uma vez que retratam traços culturais de uma determinada região. Dotadas de um evidente grau de informalismo

são geradas por meio das gírias e tendem a se perpetuar ao longo de toda uma geração. (DUARTE s.a. s.p.).

No Brasil não é apenas a Língua oral que possui suas variações, mas na língua de sinais também é assim. Neste caso, atribui-se à responsabilidade do intérprete diante tradução da Libras para o português.

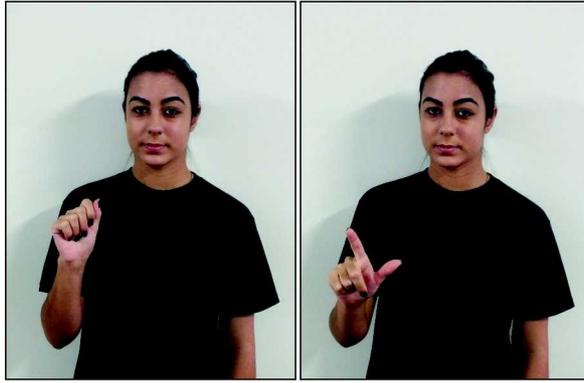
Alguns exemplos de sinais regionalizados:



Azul



Azul



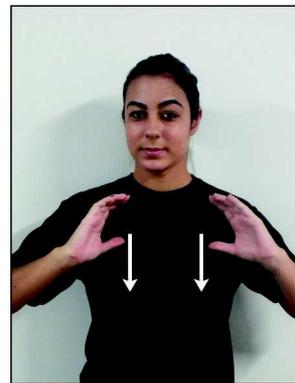
Azul



Azul



Cidadão



Cidadão



Cuidar



Cuidar



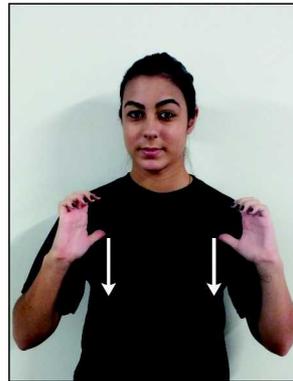
Ética



Ética



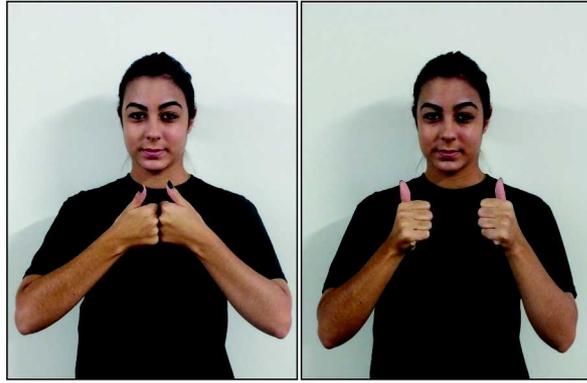
Ética



Ética



Ônibus



Ônibus

As Gírias também pertencem ao mundo do povo surdo. Neste caso, usadas principalmente por jovens surdos, inventando e reinventando novos sinais.

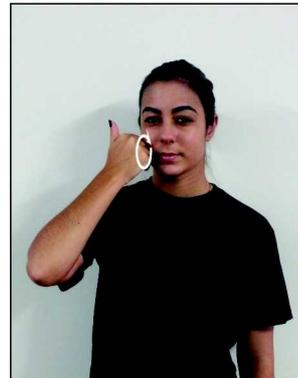
Alguns exemplos de gírias surdas:



Banheiro



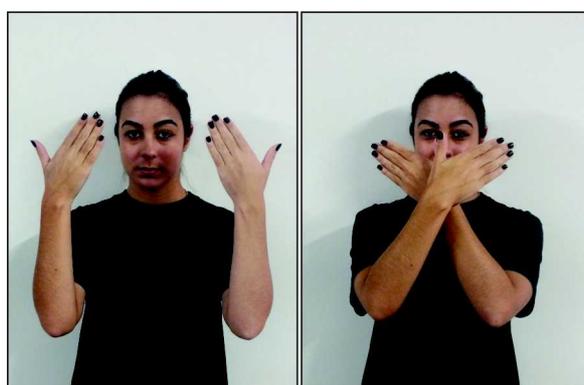
Cabeça dura



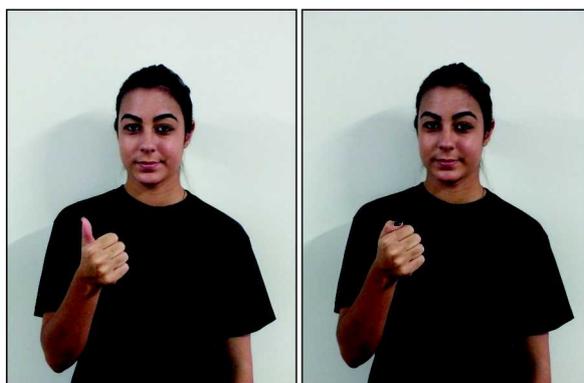
Safad@



Esperto



Ceg@



Se ferrar

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do contexto linguístico de duas línguas, é substancial que o intérprete tenha domínio e conhecimento linguístico de ambas. Entretanto, isso não basta. O intérprete, como já discutido nesta obra, deve buscar conhecimento prévio para uma atuação coerente e fiel, manter-se bem informado, ter proficiência e ética. Nesta conjuntura, a atuação no contexto escolar e fora dela se torna adequada.

O Tils não é “Deus” e muito menos o professor do surdo, é sim um intermediador da comunicação ou do conhecimento dependendo do âmbito que esteja atuando profissionalmente.

Entretanto, usar de estratégias e técnicas de interpretação diante de situações que envolvam metáforas, expressões e ditados populares, bem como, o uso de gírias, sejam elas executadas por parte do surdo ou do ouvinte. Nesta conjuntura atribuem-se aspectos da atuação profissional de acordo com o ambiente e o discurso usado. As interpretações podem ocorrer em momentos formais ou informais, diante de situações adversas. Interpretar uma palestra

técnica, na maioria das vezes os palestrante é formal em suas ações, expressões, discurso d tom de voz, mas em contrapartida há palestrantes que usam em alguns momentos discursos que geralmente são usados em momentos informais, ou seja, uma piada, ou até mesmo uma história ocorrente, ou até mesmo palavras chulas ou gírias. Estar preparado para tudo isso, não é fácil, no entanto, é fundamental que o Tils tenha uma reunião ou uma conversa com o palestrante antes da palestra. Neste caso, não é apenas buscar o conhecimento do assunto a ser discutido, mas o perfil do palestrante e o perfil do discurso direcionado à palestra são importantes. Neste sentido, a interpretação acontecerá de forma mais técnica.

Nas circunstâncias da sala de aula o conhecimento prévio contribui para interpretação, entretanto, deve-se considerar que a atuação neste caso é pedagógica e menos técnica, respeitando o aluno surdo em seu processo de aprendizagem. As necessidades educacionais não são exclusividades da inclusão, pois no que refere à aprendizagem dos alunos, cada qual aprende de forma distinta. Outro aspecto neste raciocínio é a intermediação do conhecimento, ou seja, atribui-se a mediação do conhecimento por parte do professor ao aluno, neste sentido, o Tils tem a responsabilidade do repasse deste conhecimento como intermediador. O repasse da informação ou a mediação da comunicação não tem caráter pedagógico que contribua para a construção do conhecimento ao aluno, por isso, o Tils em sala de aula poderá inclusive orientar o professor a usar de uma metodologia que seja adequada ao aluno surdo.

Contudo às necessidades de técnicas de interpretação contribuem para uma melhor atuação do Tils. Neste contexto no que tange a interpretação e tradução o interprete deve:

- interpretação: ouvir, ver, interpretar e sinalizar, ou seja, após obter as informações a serem interpretadas, o interprete deve visualiza-las, construí-las em um mundo visual para interpretá-las e sinalizá-las, oferecendo assim as informações em uma gramática correta e um melhor entendimento ao surdo.
- tradução: ver “ouvir” interpretar e falar ou escrever, ou seja, ver a sinalização, entrar no mundo visual e posteriormente construí-la em um mundo auditivo. Dessa forma, a tradução para a fala ou a escrita se torna mais clara.

Nesta conjuntura, o respeito cultural prevalece, para ambos os sujeitos, surdos ou ouvintes, respeito ao regionalismo das duas línguas em questão, além o respeito às identidades surdas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 1986.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 3. ed. São Paulo: M. Fontes, 2000.

BRASIL. LEI nº 10.098, publicado no D.O.U. em de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

_____. LEI no 10.436, publicado no D.O.U. Em 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

_____. Decreto nº 5.626, publicado no D.O. U. Em 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Locuções Tradicionais no Brasil*. São Paulo, Editora Global/2008.

DORADO, Myriam García. Disponível em <http://www.once.es/otros/sordocegueira/HTML/capitulo04.htm>, acessado em 15/01/2016.

DUARTE, Vânia Maria Do Nascimento. "Expressões idiomáticas"; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/portugues/expressoes-idiomaticas.htm>>. Acesso em 11 de fevereiro de 2016.

FENEIS. Federação Nacional de Educação e Instrução de Surdos. Disponível em <http://www.feneis.com.br/pages/interpretes.asp> acesso em 30/06/2009.

FERNANDES, Eulália (org.) Surdez e bilinguismo. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Aurélio Junior: dicionário escolar da língua portuguesa / Coordenação de Marina Baird Ferreira e Margarida dos Anjos; ilustrações Axel Sande – 2ª Ed. – Curitiba: Positivo, 2011.

GAMA, Flausino José da. Iconographia dos signaes dos surdos-mudos. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & H. Laemmert, 1875.

GESSER, Audrei, 1971 – LIBRAS: Que língua é essa? : crenças e preconceitos em torno da Língua de sinais e da realidade surda / Audrei Gesser; [prefácio de Pedro M. Garcez].- São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HOUAISS, Conciso / Instituto Antônio Houaiss, organizador; [editor responsável Mauro de Salles Villar].—São Paulo : Moderna, 2011.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. / Cristina B. F. Lacerda. – 7. Ed. - Porto Alegre: Mediação, 2015.

LEITE, Emeli Marques Costa, Os papéis do intérprete de libras na sala de aula inclusiva, Petrópolis – Rio de Janeiro, Editora Arara Azul Ltda, 2005.

LETRAMENTO, BILINGUISMO E EDUCAÇÃO DE SURDOS / organizadoras Ana Claudia Balieiro Lodi, Ana Dorziat Barbosa de Mélo, Eulalia Fernandes. – 2. Ed. – Porto Alegre: Mediação, 2015.

LETRAS LIBRAS: ontem, hoje e amanhã / Ronice Müller de Quadros, organizadora. - Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

LODI, Ana Claudia Balieiro, MÉLO, Ana Dorziat Barbosa de, FERNANDES, Eulalia.(org). Letramento, bilinguismo e educação de Surdos. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília : MEC ; SEESP, 2004. 94 p.: il.

PALMER, G. B. Linguística Cultural. Madrid: Alianza, 2000.

PEREIRA FILHO, Telasco. Glossário de termos técnicos em Libras: eletrotécnica / Telasco Pereira Filho, Ana Ruth Albuquerque. – Brasília : SENAI/DN, 2011.

PERLIN,G. “A cultura surda e os intérpretes de Língua de Sinais”, ETD-Educação temática digital, Campinas, v.7, n.2, jun/p.135-146, 2006.

QUADROS, R. M. de. & KARNOPP, L. B. Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROSA, Andréa da Silva. Entre A Visibilidade da Tradução da Língua de Sinais e a Invisibilidade da Tarefa do Intérprete, Coleção Cultura e Diversidade, Petrópolis – Rio de Janeiro, Editora Arara Azul Ltda, s.a..

SOUZA, Saulo Xavier de, Performances de Tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no Curso de Letras-Libras, 2010, Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC, 2010.

STOCK, Irene Mullerleily, A educação de Surdos e a língua de sinais no Brasil / Irene Mullerleily Stock, Luciano Ortiz. – Guarapuava: Unicentro, UAB, 2015.

STUMPF, Marianne Rossi. Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais Pelo Sistema Signwriting: Línguas de Sinais no Papel e no Computador. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

SURDEZ E BILINGUÍSMO / Eulália Fernandes (organizadora); Angela Carrancho da Silva...[et al.]. – 6. Ed. – Porto Alegre: Mediação, 2012.